

MEMÓRIAS DE ABRIL E DE ABRIS

————— Raquel Cetra

“De novo vieste em flor” A cada ano eras sempre uma novidade, eras sempre um dia aguardado com muita antecipação. Planeava sempre tudo o que iria fazer e o que iria ver: o fogo de artifício, os filmes que iria ver (mesmo que tivesse de ficar acordada até de madrugada), a sessão solene, os espetáculos, as reportagens e documentários, deixando que no canto do meu olho sempre tivesse a presença avermelhada dos cravos numa jarra. Quando me deitava à noite, sentia uma sensação de nostalgia a pairar em mim porque teria de voltar a esperar um ano para te voltar a celebrar...

Na minha meninice, abril foi sempre passado a festejar com muita música e fogo de artifício. Recordo-me que questionei o motivo da celebração e foram as histórias, umas lidas pelos meus pais e outras contadas pelos meus avós, que me abriram as portas do que era abril, do que se celebrava e o porquê de ele ter existido. Recordo com inocência de pensar que os capitães de abril enfrentaram o bicho papão que se escondia nos armários ou debaixo da cama de todos os portugueses. A minha primeira memória de abril é o fogo de artifício na noite de 24 para 25 de abril, que todos os anos acontece na terra que me deu o berço. Aos poucos fui reunindo outras tantas memórias com danças, momentos musicais como os cantares regionais num parque, pouco depois viriam os filmes, as imagens, as reportagens e documentários e os livros surgiram muito depois.

Fui crescendo e abril passou a ter um novo significado, o bicho papão começou a ganhar forma e cores e os heróis, os capitães de abril, passaram a ter nomes... Salgueiro Maia foi o primeiro nome que decorei dos livros e os outros foram-se sucedendo aos poucos.

“O povo é quem mais ordena” Era uma frase de difícil compreensão para uma criança no 1º ciclo na escola, mas ia alegremente replicando sempre que me recordava. Considerava a “Grândola Vila Morena” do Zeca Afonso um hino para abril e um mote extraordinário para combater qualquer que fosse a injustiça, que na altura passava apenas por decidir de que lado jogavam as

equipas no recreio ou a dimensão das balizas num jogo de futebol... Porém, foi nessa mesma altura que comprei o meu primeiro livro sobre Salgueiro Maia, que ainda hoje guardo. Comprei-o numa feira do livro escolar com dinheiro que guardara para outra ocasião. Hoje, lembro-me com um sorriso que deixei com bastante desfaçatez um livro de contos do meu mui estimado Eça de Queirós para comprar o livro de José Jorge Letria intitulado *Salgueiro Maia: O Homem do Tanque da Liberdade*. Dediquei toda a tarde que ainda me restava a lê-lo e aprendi a cada página e cresci.... Atribuo atualmente aos livros a incrível função de expandirem o jardim do meu conhecimento e muitas sementes foram deixadas por esse em particular, que mais tarde germinariam.

Os cravos foram deixando a jarra e passaram a ficar no peito bem junto do coração a cada ano de celebrações. Lia, desenhava, pintava, escrevia, ouvia e deixava-me maravilhar pela liberdade, pela democracia, pela coragem e persistência dos capitães e do povo português.

“Somos livres, somos livres” E continuaremos a ser livres. Seria com o advento do ensino secundário e pelo gosto intrínseco de política e de história que passaria a ler mais e a compreender. A inocência de meninice perdera-se e o que sempre fora apelidado de bicho papão passou a ser chamado por dois nomes: António de Oliveira Salazar e ditadura. A liberdade e a democracia passaram a estar teorizadas, mas teimava em tirá-las do papel e a recordar-me a mim mesma que eram ideais que estariam sempre seguros se fôssemos olhando por eles. Todas as minhas intervenções e textos escritos na aula de Ciência Política de 12^o ano remetiam para a importância da liberdade, lembrando que não a poderemos dar por garantida. Foi nesses anos que o professor Adriano Moreira alertou para o perigo dos extremismos que começavam a aparecer na Europa, a nossa segunda plataforma para lutar pela liberdade, pela democracia e pelos direitos humanos.... Era inevitável não sentir medo, mas sentir, igualmente, força para continuar a recordar que a democracia precisa de ser cuidada e que somos e continuaremos a ser livres se assim o fizermos e nos recordarmos da nossa função.

“O soldadinho já volta/ Está quase mesmo a chegar/ Vem numa caixa de pinho/ Desta vez o soldadinho/ Nunca mais se faz ao mar” Foi o excerto da música que mais me doeu no peito. Não só pelo soldadinho, que muito cedo aprendi simbolizar tantos jovens portugueses, mas também pelo seu pai, mãe e noiva ou mulher e filhos. Via as fotografias do meu avô em Angola de 1967 com um sorriso que contrastava com o semblante triste e cansado do meu avô.

Sempre lhe perguntei o que tinha sido a guerra, para que servira, mas apenas um silêncio recebia enquanto catraia. Alguns anos depois, aos poucos fui conhecendo a realidade dura dos teatros de operações e dos que cá ficavam. A crença de que estes homens, vítimas diretas da guerra, e suas famílias, vítimas secundárias, mereciam mais levou-me a escrever a minha dissertação de mestrado em Políticas Públicas e Projetos: “As políticas públicas e os antigos combatentes: A proteção social dos militares e família em Portugal”. No final, orgulhosa do trabalho feito durante algum tempo dediquei-a ao meu avô e a todos os militares que nessa guerra incompreensível tinham lutado e alguns tombado e senti o cheiro de abril em cada uma das folhas da encadernação.

“As portas que abril abriu” Abril abriu-nos a porta da liberdade, a porta da democracia, a porta da educação superior, da lei eleitoral, dos direitos humanos em todas as fases da nossa vida, a porta da paz, a porta da solidariedade para com os nossos irmãos, a porta do trabalho justo e digno, a porta da alegria e as portas do Mundo. Deixámos de estar sós e voltámos a sonhar e a ter o poder de sermos o que quisermos, sobretudo nós, as mulheres. Faço parte de uma geração que não conheceu o Estado Novo, de uma geração que não sabe o que é uma ditadura ou uma guerra em território português, não conhece um país solitário e que o género ou as crenças políticas e religiosas nos colocam entaves ou atrás das grades. Faço parte de uma geração que se pode afirmar como “os netos de abril”. Somos aqueles que gostamos de ouvir as histórias da liberdade, da resistência, da luta dos nossos avós e dos nossos bisavós. Somos aqueles que quando veem uma injustiça se insurgem com liberdade e que podem debater e enunciar as suas ideias sem medo de represálias e que estão em pleno contacto com o mundo através do Facebook ou do Messenger ou do Skype. Como “neta de abril” acreditem que atrás do desejo de preservar a memória de abril e a vivência dos seus ideais, quero ouvir os conselhos dos seus fundadores e as suas histórias e ajudar a construir o caminho de Portugal.

“Nossa terra tem idade dos pais de nossos avós/ Por ela deram a vida, com os olhos postos em nós/ Com os olhos postos em nós/ Filhos do sangue do povo/ Curvado lançando à terra sementes do Homem novo” Nos dias de hoje quando adormeço na noite de 25 de abril já não sinto a nostalgia porque sei que abril se vai construindo todos os dias, com pequenos passos por todos nós. Continuo a aguardar com um sorriso o fogo de artifício e a sorrir com olhos postos no céu e a surgir mais uma pétala no cravo que me tem crescido ao longo dos anos no peito.